

Capítulo 5. Comparações embriológicas no *Architektonikkapitel* dissonâncias passageiras ou desafinações prolongadas?

Ubirajara Rancan de Azevedo Marques

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MARQUES, U.R.A. Comparações embriológicas no *Architektonikkapitel*: dissonâncias passageiras ou desafinações prolongadas?. In: HULSHOF, M., and MARQUES, U.R.A., eds. *A Linguagem em Kant, a linguagem de Kant* [online]. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018, pp. 109-126. ISBN: 978-85-7249-010-8. Available from:
<http://books.scielo.org/id/kj9vm/pdf/hulshof-9788572490108-06.pdf>.
<https://doi.org/10.36311/2018.978-85-7249-010-8.p105-126>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

CAPÍTULO 5.

COMPARAÇÕES EMBRIOLÓGICAS NO *ARCHITEKTONIKKAPITEL*: DISSONÂNCIAS PASSAGEIRAS OU DESAFINAÇÕES PROLONGADAS?

Ubirajara Rancan de Azevedo MARQUES

INTRODUÇÃO¹

Em 1781, antes de qualquer referência do próprio Kant a favor da epigênese²—referência direta, própria, em escrito seu publicado em

¹ Todas as referências a escritos de Kant publicados na *Akademie-Ausgabe* ["AA"] serão aqui feitas de acordo com a sistemática adotada pela *Kant-Gesellschaft*, disponível em: <http://www.kant-gesellschaft.de/de/ks/autoren.html>. Acesso em: 16 de maio de 2018. Se, no âmbito de tais abreviações, não houver sigla cunhada para determinado texto de Kant tido aqui em conta, será sempre citado por extenso o título original do mesmo, em conformidade com a "AA". Em havendo interposição textual minha no âmbito duma citação, ela será sempre indicada por "[U.R.]", abreviatura de "Ubirajara Rancan". Salvo advertência em contrário, as traduções para o português são minhas. Para os escritos do filósofo tidos cá em conta, utilizou-se a seguinte versão eletrônica dos mesmos: »*Kant im Kontext III*« – *Komplettausgabe* - 3. Aufl. 2013 – Release (XP/Vista/7/8) 4/2014 *Werke, Briefwechsel, Nachlaß und Vorlesungsnachschriften*. Herausgegeben von Karsten Worm und Susanne Boeck. 1. Aufl., Berlin 2007, 2. erw. Aufl. 2009, 3. erw. Aufl. u. technisches Update-Release 2013.

² A primeira referência de Kant à "epigênese"— referência nominal, própria, em escrito seu publicado em vida—ocorre—em registro metafórico-especulativo—na KrV, ao final da "Dedução transcendental dos conceitos puros do entendimento", em 1787 [Kant, KrV, B 167]. Já a primeira referência dele a ela em registro

vida—, dois trechos comparativos d’“A Arquitetônica da Razão Pura” não terão desperto nenhuma atenção especial no leitor. Tais passagens, além de não mencionarem essa teoria embriológica, optam por um tipo de comparação que, sem o nomear diretamente, apóia-se com clareza no preformismo e, pois, em modelo generativo oposto à epigênese.

Mas com a publicação por Erdmann³ de reflexões⁴ do filósofo, tornou-se documentalmente viável a possibilidade de algum conflito entre

embriológico—referência também nominal, própria, em escrito seu publicado em vida—ocorre somente no “§ 81” da KU [Kant, KU, AA 05: 422-423]. Cf. Sloan (2002, p. 242): «*In 1785 Kant for the first time in his published writings employed the embryological term “epigenesis”*». A observação de Sloan deverá ser mitigada, já que o termo em pauta, efetivamente usado por Kant em suas *Recensionen zu J. G. Herders Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit*, foi-o, porém, no interior duma citação da obra recenseada. A propósito, a citação de Kant, do modo como feita, não corresponde a nenhuma passagem propriamente dita do texto de Herder, mas a um recorte e realinhamento de afirmações do autor [no cotejamento abaixo, foi destacado em negrito o conteúdo comum a ambos os textos]:

Präformirte Keime hat kein Auge gesehen. Wenn man von einer Epigenesis redet, so spricht man uneigentlich, als ob die Glieder von außen zuwüchsen. [...]

[Kant, RezHerder, AA 08: 50]

Präformierte Keime, die seit der Schöpfung bereitlagen, hat kein Auge gesehen [...] Sieht man diese Wandlungen, diese lebendigen Wirkungen sowohl im Ei des Vogels als im Mutterleibe des Tiers, das Lebendige gebärt, so, dünkt mich, spricht man uneigentlich, wenn man von Keimen, die nur entwickelt würden, oder von einer Epigenesis redet, nach der die Glieder von außen zuwüchsen. [...]

[Herder, 2004].

³ No âmbito das “reflexões” publicadas por Erdmann, são duas as que mencionam a “epigênese”; cf. Erdmann (1882) [“*Reflexionen zur Anthropologie*”]; 1884 [“*Reflexionen zur Kritik der reinen Vernunft*”]; p. 276; p. 375. Na primeira destas, lê-se: “*Ursprung transscendentaler Begriffe: 1) per intuitionem mysticam, 2) <per> influxum sensitivum, 3) per praeformationem, 4) per epigenesin intellectualem †) — intellectual, intuitiv oder discursiv. — Der Zweck der Metaphysik ist Gott und eine künftige Welt. — EPICUR nichts a priori.*” [cf. Kant, Refl, AA 18: 12: “*Ursprung transscendentaler Begriffe I. per intuitionem mysticam. 2. (‡ influxum) sensitivum. 3. per praeformationem. 4. per epigenesin intellectualem. (§ intellectalia intuitiv oder discursiv.) Der Zweck der Metaphysik ist Gott und eine künftige Welt. epicur nichts a priori.*”]. Já a nota “†)” de Erdmann, diz: “Das possibilities aqui conjuntamente ordenadas, o ‘§ 27’ da Crítica [da Razão Pura] aceita unicamente a primeira e a quarta; a terceira (Crusius) só é mencionada para ser retirada; a quarta, que em 1772 está no primeiro plano da reflexão, é completamente recusada” [“†) *Von den hier coordinirten Möglichkeiten lässt die Kr. § 27 nur noch die erste und vierte gelten. Die dritte (Crusius) wird nur erwähnt, um abgewiesen zu werden. Die vierte, die 1772 im Vordergrund der Ueberlegung steht, ist ganz zurückgetreten.*”]. As afirmações de Erdmann parecem mostrar-se parcialmente incoerentes para com o conteúdo do “§ 27” a que ele próprio recorre em tal nota para fundamentá-las, pois a origem dos conceitos transcendentais por intuição mística [“per intuitionem mysticam”], sequer mencionada no parágrafo em questão, não é positivamente aceita por Kant como uma possibilidade explicativa da origem de tais conceitos. A afirmação final de sua nota mostra-se inda mais peremptoriamente incoerente para com o conteúdo do “§ 27”, já com ela própria, pois que, depois de afirmar que: “Das possibilities aqui conjuntamente ordenadas, o ‘§ 27’ da Crítica [da Razão Pura] aceita unicamente a primeira e a quarta”—e a “quarta” é justo a explicação da origem dos conceitos transcendentais “per epigenesin intellectualem”, a única aceita em tal parágrafo—, ele afirma: “a quarta, que em 1772 está no primeiro plano da reflexão, é completamente recusada”.

⁴ Anteriormente à publicação por Erdmann dum grande conjunto de manuscritos de Kant [cf., aqui, a nota imediatamente anterior], Rosenkranz e Schubert já haviam publicado, havia então quarenta anos, algo

esses trechos da Arquitetônica e apontamentos de Kant presumivelmente anteriores a eles. Em rigor, já assim em 87, quando, ao reaparecerem intocados no mesmo capítulo da obra, os dois fragmentos aqui em pauta sobrevinham ao “Resultado dessa Dedução dos Conceitos do Entendimento”, momento da Razão Pura no qual, por meio de um quadro igualmente comparativo, a epigênese suplantava as opções da geração equívoca e do sistema da pré- formação.

Tendo unicamente em conta o plano metafórico-especulativo em que Kant vale-se de tais teorias, e com o objetivo de ajustar o tom aparentemente conflituoso de tais passagens da Arquitetônica, proponho aqui uma rápida análise de quatro das anotações manuscritas de Kant, bem como de parte das metáforas embriológicas do final da dedução B.

Mas, em primeiro lugar, os trechos em questão: “[A ideia de ciência] encontra-se na razão como um germe, no qual todas as [suas] partes encontram-se ocultas, ainda muito envoltas, [sendo] dificilmente reconhecíveis à observação microscópica”;

Os sistemas, como vermes, parecem ter sido formados por uma *generatio aequivoca*—[e, pois,] de início de forma mutilada, com o tempo, completamente—, a partir da mera confluência de conceitos coletados, embora todos eles em conjunto tivessem seu esquema— como o germe originário [deles próprios]—na razão que meramente se evolve. (KANT, KrV, A 835 / B 863)⁵.

proveniente do mesmo fundo: cf. Rosenkranz e Schubert (1842, p. 215-277). Já os três tomos nos quais Reicke publicaria os “*Lose Blätter aus Kants Nachlass*” [Mitgeteilt von Rudolf Reicke. Königsberg in Pr. Verlag von Ferd. Beyer’s Buchhandlung (Thomas & Oppermann)], e que primeiro apareceriam nos volumes 24, 25, 30, 31 e 35 do *Altpreußische Monatsschrift*, viriam a lume respectivamente em 1889, 1895 e 1898. Pouco mais de uma década depois, por sua vez, teríamos: Häring (1910). Por fim, Adickes, editor dos volumes XIV a XIX dos *Gesammelte Schriften* de Kant na “AA”, volumes concernentes a parte da terceira divisão [“*Handschriftlicher Nachlass*”] do *corpus* kantiano em tal edição, publicou os cinco primeiros deles respectivamente em 1911, 1913, 1914, 1926 e 1928, ano de sua morte. Acerca das referências a Erdmann, Reicke e Häring, cf. Echeverri (2008, p. 271-272); para as referências a Adickes, cf. *Neuedition, Revision und Abschluss der Werke Immanuel Kants*. Disponível em: <http://kant.bbaw.de/die-akademie-ausgabe/abteilung-iii-handschriftlicher-nachlass/abteilung-iii> Acesso em: 23 maio 2018. Agradeço ao Dr. Gualtiero Lorini pela gentileza de suas indicações a propósito de Rosenkranz e Schubert.

⁵ As traduções que aqui componho, não tendo nenhuma intenção de subrepticamente criticar opções já conhecidas dos originais a elas correspondentes [quer no âmbito de diferentes transposições integrais dos escritos em que se encontrem, quer no de artigos ou livros que as citem], têm o único propósito de dar a conhecer ao leitor o modo como eu próprio as compreendi. Neste sentido, em razão de alguma ênfase julgada necessária, às vezes propositadamente repito nomes e excluo pronomes, bem como, a título elucidativo, acrescento uma que outra palavra ao original kantiano.

Pela primeira dessas passagens, o modo como a ideia de ciência “encontra-se na razão” fá-la parecer um “germe”. Anteposta às premissas que a embasam, tal conclusão refere-se ao fato de eu não poder decompor tal ideia, não lhe ver “todas as partes”, não as reconhecer como partes dela. As dificuldades inerentes à comparação em causa tanto se referem a “todas as partes” da ideia de ciência estarem prepostas na razão, quanto à germinação de tal ideia exigir o envolvimento de “todas as [suas] partes”, que, uma vez descobertas, serão reconhecidas em sua identidade própria. Já pela segunda tem-se um confronto interno entre geração equívoca e pré-formação, com o abandono da primeira de tais explicações e a consequente aceitação da segunda. Nela, os sistemas, parecendo à primeira vista ter-se originado e desenvolvido abiogeneticamente, não pareceriam, por isso mesmo, ter-se formado arquetonicamente, de acordo com quanto prescrito pela arquetônica da razão pura ali mesmo em curso, ou não pareceriam ter-se formado segundo uma arte-de-construir⁶ devida aos mesmos⁷. Em verdade, eles pareceriam ter sido formados pela mera confluência casual das matérias que os constituíssem, conforme o tempo de surgimento dessas na experiência. Não obstante tal impressão, os sistemas, ao contrário, têm como que sua figura⁸ esboçada *a priori* na e pela razão, de acordo com uma ideia do todo a governar esta sua progressiva inteira configuração. Em tal caso, no tocante a suas constituição e *evolvimento*⁹, eles serão assemelhados a um germe originário, num cotejo que, tal o encontrado na passagem anterior¹⁰, assenta-se sobre a mesma pré-formação, que, em princípio e de modo geral, é doutrinalmente incoerente com a epigênese.

⁶ Quando, na abertura do capítulo da “Arquetônica”, Kant afirma: “*Ich verstehe unter einer Architektonik die Kunst der Systeme*” [Kant, KrV, A 832 / B 860], parece teria sido preferível, pela correspondência já comum entre o termo de origem grega e o termo alemão, ele ter dito: “*Ich verstehe unter einer Architektonik die **Baukunst der Systeme***” [negrito meu]. Uma indicação da possível naturalidade de tal preferência poderá encontrar-se em: Schmid (1998; p. 71): “*Architectonik [...] ist die **Baukunst der Systeme** [...]*” [negrito meu].

⁷ Cf. Kant, KrV, A 832 / B 860.

⁸ Penso que a acepção de “*Schema*” no *Architektonikkapitel* não corresponderá à do mesmo termo no *Schematismuskapitel*. O mesmo se diga, por sinal, do uso de tal expressão em outras passagens da primeira Crítica; cf. por exemplo: Kant, KrV, A 405-406 / B 432; A 669-699 / B 697-727.

⁹ O vocábulo “*evolvimento*” não consta do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, no qual, contudo, encontra-se “*evolver*” [cf. VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA (2009)].

¹⁰ Já no segundo parágrafo de tal capítulo encontra-se uma como que antecipação de tal retórica preformista; cf. Kant, KrV, A 832-833 / B 860-861.

Nas passagens aqui em pauta, contudo, o que talvez mais surpreenda, quando notado, seja o fato de na segunda delas Kant aludir positivamente à geração equívoca dos vermes, algo que, parece, será não só inédito nele no que se refira à abiogênese dum qualquer ser vivo, como contraposto a declarações gerais suas—diretas ou não¹¹—sobre a pertinência, em que grau for, da mesma explicação embriológica. Com isso, se, do ponto de vista comparativo, tal segunda passagem somente reforça a opção preformista do trecho que a antecede, ela, do ponto de vista embriológico, permite presumir a aceitação, por Kant, da abiogênese como forma generativa dos vermes.

Face a tais comparações, a epigênese torna-se uma espécie de eminência parda às avessas, celebridade esquecida¹² numa comparação que, devendo em princípio ser-lhe favorável [em 81, tendo-se em mente reflexões presumivelmente anteriores à KrV; em 87, levando-se em conta o final da dedução transcendental], é-lhe à primeira vista contrária¹³.

1. COMPARAÇÕES EMBRIOLÓGICAS NAS REFLEXÕES

Entre as *Reflexionen*, quatro¹⁴ delas não somente citam epigênese e pré-formação, mas mantêm entre si não poucas referências comuns. Ei-las:

¹¹ Cf. Kant, VvRM, AA 02: 435; KU, AA 05: 419; Refl, AA 17: 591; V-Met/Dohna, AA 28: 649.

¹² A propósito, reconhecendo-se que o metaforismo embriológico kantiano—em clave especulativa e no âmbito das *Werke*—é um procedimento exclusivo da KrV e dos Prolegômenos [cf. Kant, Prol, AA 04: 274; AA 04: 279; AA 04: 353; AA 04: 362-5; AA 04: 368], vale recordar que a epigênese também está ausente nesta última obra.

¹³ Aparentemente não tão comum no jargão filosófico da época, a expressão “ideia do todo”, como “*Idée du Tout*”, aparece no *Ensaio analítico sobre as faculdades da alma*, de Charles Bonnet (1760, p. 190-191), obra que, vertida para o alemão dez anos depois por Schütz—que se tornaria defensor e promotor da filosofia crítica—, teve tal expressão traduzida [literalmente] por “*Idee des Ganzen*” / “*Idee vom Ganzen*”: Schütz (1770-1771; p. 186-187). Mas já em 1716, no “Prefácio” à sua tradução da *Odisseia*, Madame Dacier [Anne Le Fèvre Dacier] assim observava: “*le beau consiste dans l'ordre et dans la grandeur, c'est pourquoy rien de trop petit ne peut estre beau, parce que la vuë se confond dans un objet qu'on voit en un moment presque insensible; rien de trop grand ne peut estre beau non plus, parce qu'on ne le voit pas d'un coup d'œil, & qu'en voyant ses parties successivement l'une après l'autre, le spectateur perd l'idée du tout, comme s'il voyoit un animal qu'il auroit dix mille stades de long*” [L'ODYSSÉE..., 1716, p. 19].

¹⁴ Não levo aqui em conta a também rica *Reflexion* de número “4446” [cf. Kant, Refl, AA 17: 553-554], pois que—ao menos segundo Adickes—parte já representativa de seu conteúdo conteria acréscimos posteriores à presumida data de sua composição [“aproximadamente 1772”].

Crusius explica os princípios reais da razão segundo o *systema praeformationis* (a partir de *principiis* subjetivos); Locke, como Aristóteles, segundo o *influxus physicus*; Platão e Malebranche, a partir do *intuitus intellectualis*; nós, segundo a epigênese, a partir do uso das leis naturais da razão. (Kant, Refl, AA 17: 492)¹⁵;

Se os conceitos são meramente *educta* ou *producta*. * pré-formação e epigênese[.] * (§ *producta* ou por influxo físico (§ empírico) ou pela consciência da constituição formal de nossa sensibilidade e entendimento por ocasião da experiência; por conseguinte, *producta a priori*, não *a posteriori*). (Kant, Refl, AA 18: 08)¹⁶;

Origem dos conceitos transcendentais: 1. *per intuitus mysticus*; 2. [*per*] (§ *influxus*) *sensitivus*; 3. *per praeformationis*; 4. *per epigenesis intellectualis*. (§ *intellectualia intuitivos ou discursivos*)”. (Kant, Refl, AA 18: 12)¹⁷.

“O sistema lógico dos conhecimentos intelectuais é [...] ou o empírico ou o transcendental: o primeiro, de Aristóteles e Locke; o segundo, ou o da epigênese ou o da involução; adquirido ou inato” (Kant, Refl, AA 18: 275)¹⁸.

Em tal conjunto, a primeira reflexão contém quatro afirmações que, em todas ou na maioria das demais, estão nelas total ou parcialmente reproduzidas. Com efeito, à identificação de Crusius com os princípios reais da razão via sistema da pré-formação remetem nas demais, respectivamente: conceitos eduzidos via pré-formação; origem dos conceitos transcendentais por pré-formação; sistema lógico dos conhecimentos intelectuais de tipo transcendental via involução. À identificação de Locke e Aristóteles com os princípios reais da razão via influxo físico remetem nas demais, respectivamente: conceitos produzidos por influxo físico [empírico] [conceitos produzidos *a posteriori*]; origem dos conceitos transcendentais por influxo sensitivo; sistema lógico dos conhecimentos intelectuais de

¹⁵ Texto manuscrito, segundo Adickes, “entre aproximadamente 1770 e 1771”.

¹⁶ Texto manuscrito, segundo Adickes, “por volta de 1776-1778”.

¹⁷ Texto manuscrito, segundo Adickes, “por volta de 1776-1778”.

¹⁸ Texto manuscrito, segundo Adickes, “entre aproximadamente 1780 e 1783” ou “entre aproximadamente 1788 e 1789”.

tipo empírico. À identificação de Platão e Malebranche com os princípios reais da razão via intuição intelectual remete, na terceira reflexão: origem dos conceitos transcendentais por intuição mística. À identificação do próprio Kant com princípios reais da razão pela epigênese, a partir do uso das leis naturais da razão, remetem nas demais, respectivamente: conceitos produzidos pela consciência da constituição formal de nossa sensibilidade e entendimento por ocasião da experiência [conceitos produzidos *a priori*]; origem dos conceitos transcendentais por epigênese intelectual; sistema lógico dos conhecimentos intelectuais por epigênese.

A primeira e a terceira reflexões apresentam respectivamente as mesmas seguintes opções: sistema da pré-formação e pré-formação; influxo físico e influxo sensitivo; intuição intelectual e intuição mística; epigênese e epigênese intelectual. Pela segunda têm-se as seguintes oposições: conceitos eduzidos e conceitos produzidos; conceitos produzidos *a posteriori*, por influxo físico ou empírico, e conceitos produzidos *a priori*. Pela quarta tem-se a oposição entre sistema empírico e sistema transcendental, e, neste último, a oposição entre epigênese [que indicará conhecimentos intelectuais adquiridos] e involução [que indicará conhecimentos intelectuais inatos].

Com isso, para efeito do que aqui se tem em vista, e, pois, desprezando-se as opções do influxo físico e da intuição intelectual, serão pertinentes os dois seguintes alinhamentos gerais, o primeiro rechaçado, o segundo aceito: 1. pré-formação; educação conceitual; conhecimentos intelectuais inatos; 2. epigênese; produção conceitual; conhecimentos intelectuais adquiridos. Com respeito à oposição entre conhecimentos intelectuais inatos e adquiridos, ela dá-se no âmbito comum do sistema de tipo transcendental, metaforicamente subdividido em por-epigênese e por-involução. Não sendo exatamente ortodoxa no âmbito da crítica kantiana uma significação de “transcendental” que contemple conceitos inatos, deve-se compreender tal termo, aí, *lato sensu*; ou seja: em mera oposição geral a empírico [a outra divisão principal na mesma reflexão], pelo que, assim, os conhecimentos intelectuais obtidos no sistema lógico de tipo transcendental—quer por epigênese, quer por involução—rejeitarão em ambos os casos uma origem empírica. Assim, por sinal, os conhecimentos

alcançados por epigênese serão todos adquiridos, embora não adquiridos empiricamente, inferência que aproxima tal reflexão, quer de quanto já dito a respeito na *Dissertação de 70*¹⁹, quer do que no mesmo sentido dirá a *Resposta a Eberhard* (Kant, *ÜE*, AA 08: 221-223).

Não obstante as dificuldades relativas à datação das reflexões, que não permitem as conclusões de Adickes a respeito na *Akademie-Ausgabe* sejam isentas de controvérsia, ao menos as duas primeiras reflexões aqui citadas—que, segundo ele, teriam sido respectivamente manuscritas em “cerca de 70-71” e “por volta de 1776-1778”—parecem admitir uma suficiente aproximação com partes de dois escritos do filósofo objetivamente datados [a chamada “*Dissertação de 70*”—principalmente ela—e a carta a Herz de fevereiro de 72], tal como atestado pelas seguintes duas tabelas comparativas:

Reflexões.

“leis naturais da razão”²¹;

“princípios reais da razão”²⁷;

“consciência da constituição formal de nossa sensibilidade e entendimento por ocasião da experiência”²⁹.

Dissertação.

“lei natural do espírito”²²;

“lei interna da mente”²³;

“lei estável inerente à sua natureza” [inerente à natureza do espírito]²⁴;

“leis permanentes” [leis permanentes na mente]²⁵;

“lei do espírito”²⁶;

“princípio interno da mente”²⁸;

“conceitos abstraídos das leis ínsitas na mente (atendendo às ações desta por ocasião da experiência)”³⁰.

¹⁹ Kant, I. *Dissertação de 1770*, p. 51 [cf. Kant, MSI, AA 02: 398]; p. 66 [cf. Kant, MSI, AA 02: 404].

²⁰ Kant, I. *Refl*, AA 17: 492.

²¹ Kant, I. *Dissertação de 1770*, p. 44 [cf. Kant, MSI, AA 02: 392].

²² Kant, I. *Dissertação de 1770*, p. 60 [cf. Kant, MSI, AA 02: 401].

²³ Kant, I. *Dissertação de 1770*, p. 65 [cf. Kant, MSI, AA 02: 404].

²⁴ Kant, I. *Dissertação de 1770*, p. 68 [cf. Kant, MSI, AA 02: 406].

²⁵ Kant, I. *Dissertação de 1770*, p. 68 [cf. Kant, MSI, AA 02: 406].

²⁶ Kant, I. *Refl*, AA 17: 492.

²⁷ Kant, I. *Dissertação de 1770*, p. 44 [cf. Kant, MSI, AA 02: 393].

²⁸ Kant, I. *Refl*, AA 18: 08.

²⁹ Kant, I. *Dissertação de 1770*, p. 48 [cf. Kant, MSI, AA 02: 395].

Reflexões.

“Crusius explica os princípios reais da razão segundo o *systema praeformationis* (a partir de *principiis* subjetivos)”³¹.

“princípios reais da razão”³².

Carta.

“Crusius [admitiu] certas regras implantadas para julgar, e conceitos que Deus já plantara na alma humana, assim como tinham de ser para harmonizar-se com as coisas”.

“*principiis* reais” [do entendimento]³³.

2. COMPARAÇÕES EMBRIOLÓGICAS NA DEDUÇÃO B

Examinemos agora parte das metáforas embriológicas do “§ 27” da Razão Pura.

Trata-se ali da “concordância necessária da experiência com os conceitos de seus objetos”. De modo a ser-nos facultado um conhecimento *a priori* dos objetos da experiência, estes têm de obrigatoriamente limitar-se ao domínio da experiência possível. Consoante tal limitação, as categorias que se lhes reífram [também as formas-de-intuir que os receptem] terão de ser obrigatoriamente puras.

Em conformidade com as reflexões de que aqui se tratou, a trama metafórica do “§ 27” repõe em cena a epigênese [“(um como que sistema da *epigênese* da razão pura)”] e a pré-formação [“(um como que *sistema-da-pré-formação* da razão pura)”], acrescentando-lhes a geração equívoca [“(uma espécie de *generatio aequivoca*)”], ausente naquelas. Seja pelo advérbio [“*gleichsam*”] que em duas das três formulações em pauta acompanha o elemento metaforizante escolhido, seja pelo fato de que, entre parêntesis, tais formulações todas parecem indicar três típicos apostos [o que, para efeito da coerência interpretativa das passagens que as contêm, não os torna indispensáveis], o metaforismo embriológico do “§ 27” da KrV não parece ter sido originalmente proposto pelo filósofo como matéria especial ou suplementar de consideração.

Conforme reza o texto: “Há somente dois caminhos sobre os quais pode ser pensada uma concordância necessária da experiência com

³⁰ Kant, I. Refl, AA 17: 492.

³¹ Kant, I. Refl, AA 17: 492.

³² Kant, I. Br, AA 10: 131.

os conceitos de seus objetos: ou a experiência torna possível esses conceitos, ou esses conceitos tornam possível a experiência” (Kant, KrV, B 166). “Conceitos originários” (Kant, KrV, A 17), as categorias [com elas as formas-de-intuir] não admitem o primeiro caminho, pelo qual seriam engendradas empiricamente. Só dois havendo, resta-lhes o segundo, pelo qual “tornam possível a experiência”. Tal o enquadramento a preparar o raciocínio em clave metafórica, cuja articulação interna, de acordo com a afirmação da existência de “somente dois caminhos *etc.*”, disporá duas alternativas, embora, a seguir, acrescente-lhes uma espécie de *via media* entre elas. Consoante tal apresentação, as comparações propostas devem ter em mente a “concordância necessária da experiência com os conceitos de seus objetos”. Pela primeira, que considera o primeiro dos dois caminhos existentes—“a experiência torna possível esses conceitos”—, é descartada a origem empírica das categorias, a qual, se admitida, implicaria “uma espécie de *generatio equivoca*” das mesmas. A comparação, como se vê, trata diretamente da origem das categorias, não da “concordância necessária da experiência com os conceitos de seus objetos”, embora, claro está, uma suposta origem empírica das categorias viesse a pôr inteiramente por terra todo o edifício da dedução transcendental, e, pois, a “concordância necessária da experiência com os conceitos de seus objetos”.

Não lhe parecendo fosse o caso de examinar tal alternativa gnoseológica, Kant tampouco investiga o fundamento da comparação de que se vale, mas, de modo tácito, apela a um juízo supostamente bastante geral, desfavorável a esta, a fim de metaforicamente neutralizar aquela alternativa gnoseológica. Equiparadas entre si uma possível origem *empírica* das categorias *puras* e uma possível origem *abiogenética* de um novo ser *vivo*, a recusa de uma e de outra hipóteses dá-se pela tacitamente pré-recusada tese da equivocidade generativa em geral em sentido metafórico, ou, de forma positiva, pela tacitamente pré-admitida tese da univocidade generativa em geral no mesmo sentido.

Com somente duas possibilidades de escolha, a primeira descartada, a comparação seguinte atém-se ao segundo dos dois únicos caminhos existentes para a questão da “concordância necessária da experiência com os conceitos de seus objetos”; a saber: “[as categorias] tornam possível a ex-

periência”, assim se dando justo por elas “[conterem], por parte do entendimento, os fundamentos da possibilidade de toda a experiência em geral”.

Mantendo o procedimento argumentativo anterior, Kant não investiga o fundamento da comparação de que se vale, mas, de modo tácito, apela a um juízo supostamente bastante geral, favorável a ela, a fim de metaforicamente encarecer a alternativa gnoseológica que ela tem em vista destacar. Contrariamente ao que se passou com relação à comparação pela geração equívoca, Kant não examina agora a origem das categorias, mas, de acordo com a comparação em pauta, concluindo que “as categorias contêm, por parte do entendimento, os fundamentos da possibilidade de toda a experiência em geral”, leva-nos a esperar não só que tal conclusão esteja de acordo com a hipótese epigenética, mas, sobretudo, que a mesma seja por esta reforçada. Assim, a afirmação de que “as categorias contêm *etc.*” deve estar inteiramente de acordo com o específico da epigênese. Como, porém, tal ajuste? Para expressá-lo em poucas palavras, à frase que textualmente afirma: “[A]s categorias contêm, por parte do entendimento, os fundamentos da possibilidade de toda a experiência em geral”—frase que, respeitante ao objeto metaforizado [“concordância necessária da experiência com os conceitos de seus objetos”], conterà a razão de ser da metáfora que a ele se conforma—, a tal frase tacitamente corresponderá, como frase justificadora do elemento metaforizante em pauta: *os germes e disposições contêm, por parte do embrião, os fundamentos da possibilidade de desenvolvimento de todos os corpos organizados em geral*. Logo: ao objeto metaforizado “categorias” corresponderá o elemento metaforizante germes e disposições; ao objeto metaforizado “entendimento”, o elemento metaforizante embrião; por fim, ao objeto metaforizado “fundamentos da possibilidade de toda a experiência em geral”, o elemento metaforizante fundamentos da possibilidade de desenvolvimento de todos os corpos organizados em geral.

A inserção dos termos “germes” e “disposições”, ausentes do texto em exame, não só lança luz sobre a estrutura da presente comparação, mas faculta coerência procedimental entre início e fim da “Análítica dos Conceitos” na segunda edição da KrV, posto que no texto daquele [comum a ambas as edições da obra] já fora dito que:

Seguiremos [...] os conceitos puros até seus primeiros germes e disposições no entendimento humano, nos quais estão preparados, até que, liberados das condições empíricas a eles apendentes, sejam enfim desenvolvidos por ocasião da experiência e apresentados em sua pureza pelo mesmo entendimento.

Ou seja: em 87, Kant terá aberto e fechado essa crucial etapa da KrV com, respectivamente, termos e comparações perfeitamente sintonizáveis em suas duas pontas.

Tendo presente que, na epigênese, germes e disposições “cont[ê]m em si [...] o princípio da formação, mas não a própria formação” (BONSIEPEN, 1997, p. 115) [se também a formação, estaríamos no âmbito de um preformismo radical], as categorias, correspondentemente, deverão conter os princípios da possibilidade de toda a experiência possível em geral, não porém a própria experiência possível em geral. Como, em tal caso, a “formação” das categorias? Para coadunar-se com a epigênese, ela terá de pressupor um princípio a orientá-la, correspondente aos germes e disposições desta doutrina embriológica.

Quando, no início da “Analítica dos Conceitos”, Kant fala dos primeiros germes e disposições nos quais estão preparados os conceitos puros, tal significará que o preparo de tais conceitos corresponderá ao fato de os mesmos estarem *em germe*, *dispostos* de maneira tal que, apenas suscitados pela experiência, desenvolvam, em atenção à multiplicidade resultante da apreensão do objeto, sua plena faculdade sintetizadora. Assim, sem estarem *prontos*, seu desenvolvimento por ocasião da experiência não corresponderá ao que, no plano embriológico, seria a mera *aumentação* de homúnculos pré-formados. Nesse sentido, o desenvolvimento em pauta será não propriamente o de categorias como tais já dadas, mas o de germes e disposições nos quais, como em seu fundamento inato (Kant, ŪE, AA 08: 222), elas estão preparadas, e de cujo desenvolvimento serão originariamente adquiridas *como* categorias (Kant, ŪE, AA 08: 223).

Se assim, porém, e à luz da metáfora epigenética do “§ 27” da KrV, não parecerá razoável sustentar um número pré-determinado de conceitos puros e suas identidades lógicas pré-definidas, pois, em tal caso,

não se veria como eles não fossem *radicalmente* inatos, individualmente pré-formados. Em contrapartida, parecerá razoável afirmar a existência de somente uma *preparação genérica* de tipo categorial, caso em que, se tanto, as categorias não serão mais do que *moderadamente* inatas, tal inatidade moderada limitando-se ao “fundamento” do qual venham a ser originariamente adquiridas, ou aos “primeiros germes e disposições no entendimento humano, nos quais estão preparad[a]s”.

3. CONCLUSÃO

Agora, ao cabo do percurso trilhado, com os elementos ao longo dele reunidos, cumpre precisar a qualidade daqueles dois fragmentos da Arquitetônica dos quais se partiu e, face aos mesmos, ajustar o foco da epigênese ali ausente.

Em primeiro lugar, as quatro ocorrências de epigênese nas *Reflexionen* acima lembradas não se distinguem entre si. Em segundo lugar, as teorias embriológicas da pré-formação e da epigênese—malgrado a fusão de ambas na fórmula [paroxista] “pré-formação genérica”, da qual se vale Kant exclusivamente na KU—aparecem em tais reflexões de forma sempre antagonizada. Por fim, as duas primeiras das quatro reflexões acima citadas não estarão distantes de fórmulas encontradas na Dissertação de 70 e na carta a Herz de fevereiro de 72.

De tais três observações—a univocidade de epigênese, o antagonismo entre ela e a pré-formação e a proximidade acima referida—, surgem duas possibilidades conclusivas não excludentes entre si: 1. ao menos na primeira metade dos anos 70, Kant ainda não disporia da hipótese manifesta em 90 na fórmula “pré-formação genérica”; 2. embora já dela dispondo, seu emprego em clave metafórico-especulativa não se lhe revelava oportuno. Seja como for, a primeira dessas duas possibilidades não pode de maneira nenhuma significar que o filósofo não possuísse dados suficientes a respeito da epigênese, tanto que ele não somente a considera, como a confronta com a teoria desde o Seiscentos a ela oposta.

Presumivelmente após [ao menos] as duas primeiras das quatro reflexões aqui lembradas, nas quais epigênese e pré-formação são citadas de forma antagonizada, o “§ 27” da KrV, de forma também antagonizada, fala em “um como que sistema da *epigênese* da razão pura” e em “um como que *sistema-da-pré-formação* da razão pura”. Não se trata absolutamente de, em tal parágrafo—para rechaçar a hipótese interpretativa que identificaria o “(um como que sistema da *epigênese* da razão pura)” e a pré-formação genérica—, destacar a mera ausência desta última, mas do fato de, contrariamente ao que, pela reunião de ambas, tal fórmula em três anos fará, Kant ainda permanecer, em 87, autonomizando antagonicamente epigênese e pré-formação, em total sintonia com o procedimento adotado nas *Reflexionen* aqui lembradas. Se assim, não haveria por que estranhar, em tal segunda edição da KrV, no âmbito das comparações embriológicas da Arquitetônica, a falta de uma epigênese *qua* pré-formação genérica, pois, na conclusão da dedução B, pré-formação e epigênese aparecem ainda cada qual por si. O que se pode então estranhar no penúltimo capítulo da KrV em 87 [mas já em 81, tendo-se em conta as *Reflexionen* acima recordadas] é a ausência da epigênese, simplesmente.

Já conforme o “§ 27”, há uma sistematicidade comum—inda que alusiva, insuficiente [“um como que”]—às alternativas de um “sistema da *epigênese* da razão pura” e de um “*sistema-da-pré-formação* da razão pura”. Se nos voltarmos agora para o segundo dos dois fragmentos acima citados da Arquitetônica, o objeto nele em destaque é “sistemas”. Pela conclusão da segunda comparação embriológica de tal capítulo, o “germe originário” a qualificar a sistematicidade de todo sistema reside “na razão que meramente se evolve”. Se pensarmos a sistematicidade—quer do “sistema da *epigênese* da razão pura”, quer do “*sistema-da-pré-formação* da razão pura”—a partir do “germe originário” que a qualifica como tal, teremos que a sistematicidade de um e outro sistemas reside “na razão que meramente se evolve”. Coincidindo em tal ponto, uma e outra distanciam-se da geração equívoca, assistemática por definição. Se assim, a opção preformista de Kant nas comparações embriológicas da Arquitetônica—especialmente na segunda—indicará preferencialmente uma escolha anti-geração equívoca.

Mas por que não em tal caso a opção pela epigênese já antes escolhida [quer nas *Reflexionen*, quer sobretudo no “§ 27”]? Somente pelo fato de, em parte, esta proceder mecanicamente, o que a aproxima da geração equívoca, toda mecânica³³. Se se trata de comparativamente salientar a inteira organicidade da ideia de sistema, melhor fazê-lo por dois elementos absolutamente contrários entre si: geração equívoca [assistemática, conduzida de modo inteiramente mecânico] e pré-formação [sobrenaturalmente garantida, mas completamente sistemática]. Se assim, não devemos estranhar a opção preformista de Kant na Arquiteônica, mesmo depois de uma epigênese já por assim dizer vitoriosa *em face* da pré-formação, quer nas *Reflexionen*, quer no final da dedução B.

Qual o quadro sinótico conclusivo? Em clave metafórico-especulativa, Kant estabelece, nas *Reflexionen* e no “§ 27” da KrV, uma comparação entre pré-formação e epigênese. Na Arquiteônica, também em clave metafórico-especulativa, ele o faz entre geração equívoca e pré-formação. Naquelas, sua escolha recai sobre a epigênese; na última, sobre a pré-formação. Representadas antagonicamente em clave metafórico-especulativa, quer nas *Reflexionen*, quer na Crítica em 87, pareceria nalguma medida estranho epigênese e pré-formação pudessem ambas subsistir na mesma obra, uma e outra às custas da denegação da alternativa contrária. Mas se as três opções aparecem confrontadas no “§ 27”, somente duas delas apresentam-se nas *Reflexionen* [epigênese e pré-formação] e na Arquiteônica [geração equívoca e pré-formação], tal como assinalado na tabela comparativa seguinte:

1.	2.	3.
Reflexões.	“§ 27”.	Arquiteônica.
Epigênese.	Geração equívoca.	Geração equívoca.
Pré-formação.	Epigênese.	Pré-formação.
	Pré-formação.	

³³ Recorde-se, a propósito, o final do “§ 81” da KU, no qual se lê: “[a razão], ao menos no que concerne à transplantação, considera a natureza como autoproducente, não simplesmente como desenvolvente; e, assim, com o menor investimento [*Aufwande*] possível do sobrenatural, [ela] transfere à natureza, a partir do primeiro começo, tudo o que se segue [a este]” [Kant, KU, AA 05: 424].

A solução aqui apresentada para uma convivência harmoniosa entre os dados da coluna “2” e os da “3” salienta, em negativo, a coerência recíproca dos dados das colunas “1” e “2”. Ou seja: embora a geração equívoca esteja ausente das comparações levadas a cabo nas *Reflexionen*, a opção, nelas, é a mesma definida no “§ 27”. Já para evitar atrito, tanto entre as colunas “2” e “3”, quanto entre, de um lado, as colunas “1” e “2”, e, de outro, a “3”, pareceu necessário individualizar a comparação disposta nesta última, compreendendo, seja os elementos metaforizantes escolhidos [geração equívoca e pré-formação], seja o objeto metaforizado em pauta [sistemas], em função do objetivo de encarecer a organicidade deste último.

No que tange especificamente ao “§ 27”, mesmo se supusermos já concebida a *pré-formação genérica*, haveria uma razão para a ausência da epigênese como tal, e, pois, uma justificativa para a dupla citação, lado a lado, de epigênese e pré-formação? Ademais do rechaçamento de uma origem empírica das categorias [meta alcançada com a comparação embriológica pela *generatio æquivoca*], tratar-se-ia também, ali, de afastar a hipótese de um inatismo preformista dos conceitos puros do entendimento, o que, a propósito, já fora efetuado, nos mesmos moldes, na “Dissertação de 70”, na Carta a Herz de fevereiro de 72, e, ainda, na última das quatro *Reflexionen* acima lembradas. Se assim, nada melhor do que, em vez de fundi-las no oxímoro “pré-formação genérica”, [re]introduzi-las separada e antagonicamente como “sistema da *epigênese* da razão pura” e “*sistema-da-pré-formação* da razão pura”.

Se ônus houver em decorrência da estratégia interpretativa aqui adotada, este poderá ser o de, com ela, apequenar-se, nalguma medida, a feição sistemática do metaforismo embriológico kantiano. Pois que o filósofo não teria encontrado problema—sempre em clave metafórico-especulativa—em ora optar pela epigênese [e não como pré-formação genérica], ora pela pré-formação.

Com isso, quer na Arquitetônica, quer no final da dedução B, em lugar de uma argumentação a só admitir elementos sistematicamente alinhados com as posições de Kant, ocorrerão raciocínios preferencialmente retóricos, funcionalmente pertinentes, nos quais haverá espaço para concessões estratégicas instrumentais. Cabíveis quando ponderadas de acordo

com tal metro, as formulações aqui examinadas simulam considerável incongruência quando—não sem ironia—tomadas à luz de uma visão estritamente arquitetônica.

REFERÊNCIAS

- BONNET, C. *Essai analytique sur les facultés de l'âme*. Copenhague: Chez les Frères Cl. & Ant. Philibert, 1760.
- BONSIEPEN, W. *Die Begründung einer Naturphilosophie bei Kant, Schelling, Fries und Hegel: mathematische versus spekulative Naturphilosophie*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1997.
- ECHEVERRI, S. *La existencia del mundo exterior: un estudio sobre la refutación kantiana del idealismo*. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2008.
- ERDMANN, B. (Hrsg). *Reflexionen Kants zur kritischen Philosophie. Aus Kants handschriftlichen Aufzeichnungen*. Leipzig: aus Fues's Verlag (R. Reisland), 1882.
- ERDMANN, B. (Hrsg). *Reflexionen Kants zur kritischen Philosophie: Reflexionen zur Kritik der reinen Vernunft*. Leipzig: aus Fues's Verlag (R. Reisland), 1884. Bd. 2.
- HÄRING, T. *Der Duisburgsche Nachlass und Kants Kritizismus um 1775*. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1910.
- HERDER, J. G. *Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit*. 2004. Disponível em: <http://www.textlog.de/5586.html>. Acesso em: 14 maio 2018.
- KANT, Immanuel. *Dissertação de 1770 seguida de Carta a Marcus Herz*. Tradução, apresentação e notas de Leonel Ribeiro dos Santos [Dissertação de 1770]. Tradução, apresentação e notas de António Marques [Carta a Marcus Herz]. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.
- KANT, Immanuel. *Reflexionen Kants zur kritischen Philosophie*. Aus Kants handschriftlichen Aufzeichnungen hrsg. von Benno Erdmann. Leipzig: Fues's Verlag (R. Reisland), 1882-84.
- KANT, Immanuel; REICKE, Rudolf. *Lose Blätter aus Kants Nachlass*. Mitgeteilt von Rudolf Reicke. Königsberg: Verlag von Ferd. Beyer's Buchhandlung (C. Oppermann. C. Thomas), 1889.
- L'ODYSSÉE d'Homère. Traduite en français, avec des remarques. Par Madame Dacier. Tome Premier. A Paris, Aux Dépens de Rigaud [...]: 1716.
- NEUEDITION, Revision und Abschluss der Werke Immanuel Kants. Disponível em: <http://kant.bbaw.de/die-akademie-ausgabe/abteilung-iii-handschriftlicher-nachlas/abteilung-iii>. Acesso em: 23 maio 2018.

ROSENKRANZ, Karl; SCHUBERT, Friedr. Wilh. (Hrsg.). *Immanuel Kant's Sämmtliche Werke*. Elften Theils, Erste Abtheilung [*Immanuel Kant's Briefe, Erklärungen. Fragmente aus seinem Nachlasse*]. Leipzig: Leopold Voss, 1842.

SCHMID, C. C. E. *Wörterbuch zum leichtern Gebrauch der Kantischen Schriften*. Neu herausgegeben, eingeleitet und mit einem Personenregister versehen von Norbert Hinske. Dritte, um ein Nachwort ergänzte Auflage. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1998.

SCHÜTZ, C. G. *Herrn Karl Bonnets Analytischer Versuch über die Seelenkräfte*. Aus dem Französischen übersetzt und mit einigen Zusätzen vermehrt von M. Christian Gottfried Schütz. Bremen/Leipzig: Johann Heinrich Cramer, 1770-1771. 2 Bde.

SLOAN, Ph. R. Preforming the Categories: Eighteenth-Century Generation Theory and the Biological Roots of Kant's A Priori. *Journal of the History of Philosophy*, v. 40, n.2, p.229-253, April 2002.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA. 5.ed. 2009. Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 7 maio 2018.